

RESILIÊNCIA E EDUCAÇÃO: APORTES TEÓRICO- PRÁTICOS PARA A DOCÊNCIA

*RESILIENCE AND EDUCATION: THEORETICAL AND PRACTICAL
CONTRIBUTIONS TO TEACHING*

*RESILIENCIA Y EDUCACIÓN: APORTES TEÓRICO PRÁCTICOS PARA LA
DOCENCIA*

Carla Lettnin

Doutoranda em Educação pela PUC/RS.

Jamile Zacharias

Mestre em Educação pela PUC/RS.

Aline Rocha Mendes

Doutoranda em Educação pela PUC/RS.

Karina Pacheco Dohms

Doutoranda em Educação pela PUC/RS.

Juan José Mouriño Mosquera

Doutor em Educação pela UFRGS.

Claus Dieter Stobäus

Doutor em Educação pela UFRGS. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC/RS.

Programa de Pós-Graduação em Educação
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS)
Porto Alegre – RS - Brasil

Endereço:

Av. Ipiranga, 6681
Prédio 15 – Salas 316 e 318
Porto Alegre – RS
CEP: 90619-900

E-mails:

carla.lettnin@ufrgs.br
jamilzacharias@yahoo.com.br
alinerochamendes@gmail.com
karina.dohms@gmail.com
mosquera@pucrs.br
stobaus@pucrs.br

Resumo: O presente artigo objetivou analisar aspectos teórico-práticos da resiliência no âmbito educacional, mais especificamente, na docência, visando reunir informações para o aprofundamento dos estudos sobre a temática do mal/bem-estar docente, bem como possibilitar apoio aos professores. Optamos por uma abordagem metodológica qualitativa, utilizando como fonte de dados os trabalhos publicados na CAPES e na ANPEd, no ano de 2009. Nossa análise apontou as seguintes categorias: Resiliência, adolescência e escola; Resiliência e saberes docentes; Resiliência e instituições de abrigo. Concluímos que a

resiliência vem sendo entendida como a capacidade do sujeito de superação das adversidades de forma positiva. Portanto, ela se faz necessária no meio educacional, pois favorece a promoção da saúde mental e emocional do professor, possibilitando ao mesmo experimentar bem-estar na profissão, propiciando, assim, criar um ambiente de ensino favorável à aprendizagem de seus alunos.

Palavras-chave: Mal-Estar Docente. Resiliência. Bem-Estar Docente.

Abstract: This article analyzes theoretical and practical aspects of resilience in the area of education, and more specifically, in teaching, in order to gather information for further studies on the subject of teacher's malaise/wellbeing, as well as enabling support for teachers. We chose a qualitative approach, using as a source of data works published in the CAPES and ANPED databases, in 2009. Our analysis revealed the following categories: Resilience, adolescence and school, Resilience and teacher's knowledge, Resilience and sheltering institutions. We conclude that resilience has been understood as the subject's capacity to overcome adversity in a positive way. It is therefore necessary in the educational environment, as it favors the promotion of the teacher's mental and emotional health, enabling them to experience wellbeing in the profession, and creating a favorable teaching environment for students' learning.

Keywords: Teacher malaise. Resilience. Teacher wellbeing.

Resumen: El presente artículo tuvo como objetivo analizar aspectos teórico prácticos de la resiliencia en el ámbito

educacional, y más específicamente en la docencia, procurando reunir informaciones para la profundización de los estudios sobre la temática del malestar o bienestar docente, así como posibilitar apoyo a los profesores. Optamos por un abordaje metodológico cualitativo utilizando como fuente de datos los trabajos publicados en la CAPES y en la ANPEd en el año 2009. Nuestro análisis registró las siguientes categorías: Resiliencia, adolescencia y escuela; Resiliencia y saberes docentes; Resiliencia e instituciones de abrigo. Concluimos que la resiliencia viene siendo entendida como la capacidad del sujeto de superación de las adversidades de forma positiva. Por lo tanto, ella se hace necesaria en el medio educacional pues favorece la promoción de la salud mental y emocional del profesor, posibilitándole al mismo experimentar bienestar en la profesión y propiciando la creación de un ambiente de enseñanza favorable al aprendizaje de sus alumnos.

Palabras clave: Malestar Docente. Resiliencia. Bienestar Docente.

INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando uma realidade que desvaloriza a profissão docente. Nas últimas décadas, ocorreram mudanças de ordem social, econômica e política que, juntamente com a democratização do conhecimento, fizeram com que o professor, antes respeitado e considerado a principal fonte de saber, perdesse seu reconhecimento social, seu *status*. Tais transformações, associadas à falta de preparo na formação destes profissionais, contribuíram negativamente para a ação educativa, gerando, no âmbito educacional, o que ficou denominado como mal-estar docente.

A temática do mal-estar docente vem sendo investigada desde a década de 1970, refletindo uma preocupação mundial. Segundo Esteve (1994, p. 24-25), o conceito de mal-estar docente vem sendo utilizado para “descrever os efeitos

permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência”, ou seja, o educador passa a manifestar sintomas físicos, cognitivos e/ou emocionais negativos em decorrência de situações adversas que se apresentam na sua profissão, tais como modificação no papel do professor, falta de apoio das famílias, avanço e democratização do conhecimento, condições de trabalho, baixos salários, sobrecarga de trabalho, violência escolar, desvalorização social da profissão, dentre outras.

De acordo com Blase (1982 apud ESTEVE, 1994, p. 25), o conjunto dos diversos fatores sociais e psicológicos, presentes durante a ação pedagógica, estão produzindo “um ciclo degenerativo da eficácia docente”. Assim, para o autor (1982 apud JESUS, 1996), os fatores que provocam mal-estar levam o educador a obter resultados negativos no processo de ensino e de aprendizagem, o que diminui sua satisfação, motivação e empenho profissional, originando uma menor eficácia profissional, tornando mais provável a ocorrência de resultados negativos.

Jesus (2004, p. 122) complementa que o “conceito de mal-estar traduz um processo de falta de capacidade por parte do sujeito para fazer face às exigências que lhe são colocadas pela sua profissão”. O autor distingue três etapas no desenvolvimento do processo de mal-estar docente: na primeira etapa, as exigências da profissão esgotam os recursos do professor, causando estresse; na segunda, o educador tenta corresponder a estas exigências, aumentando seus esforços; e na terceira, começam a surgir os sintomas decorrentes do mal-estar docente, tais como hipertensão arterial, dores de cabeça, fadiga crônica, perda de peso, insônia, úlcera, distúrbios intestinais, menor resistência às infecções, absentismo, abuso do álcool ou de drogas, falta de empenho profissional, distanciamento afetivo, impaciência, irritabilidade, frustração, apatia, diminuição da autoestima, dificuldade de tomar decisões, dentre outros. O autor (1998) comenta, ainda, que a desmotivação dos professores contribui para a falta de interesse dos alunos durante as aulas, o que acaba por desqualificar o processo de ensino e de aprendizagem.

Em nossas realidades de trabalho, percebemos que ocorrem crescentes pedidos de licença docente para tratamento de saúde e de acompanhamento psicológico-psiquiátrico, bem como manifestações psicossomáticas, decorrentes do mal-estar docente. No entanto, também notamos que, apesar das complexas adversidades presentes no contexto educacional, existem educadores que conseguem desenvolver bem-estar e aspectos de resiliência ao exercerem a profissão.

Neste sentido, com o intuito de possibilitar apoio aos professores e para que se atinjam melhores resultados nos processos de ensino e de aprendizagem, o presente artigo teve como objetivo analisar os aspectos teórico-práticos da resiliência no âmbito educacional e, mais especificamente, na docência. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura acerca da temática, complementada por uma pesquisa qualitativa, utilizando como fonte de dados os trabalhos publicados na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) no ano de 2009.

RESILIÊNCIA E BEM-ESTAR: UM CAMINHO A PERCORRER

Marchesi (2008, p. 128) considera que os professores que se sentem satisfeitos com sua profissão e são a ela dedicados percebem que ensinar é uma tarefa que pode promover o bem-estar das novas gerações. Ele comenta que, “o caráter moral da profissão docente e a necessidade de descobrir seu valor e seu sentido para exercê-la com rigor e vivenciá-la com satisfação”, precisa ser sentido pelo professor para que ele se sinta atuante e com bom ânimo.

De acordo com Jesus (2007, p. 26 e 27), o conceito de bem-estar docente pode ser interpretado pela “motivação e realização do professor, em virtude do conjunto de competências (resiliência) e de estratégias (*coping*) que este desenvolve para conseguir fazer frente às exigências e dificuldades profissionais, superando-as e otimizando o seu próprio funcionamento”. Sendo assim, um professor motivado e realizado, que experiencia bem-estar na profissão, é aquele que tem a capacidade de conseguir superar os problemas que permeiam sua prática pedagógica, podendo esta capacidade ser aprendida e desenvolvida pelo educador, por meio da resiliência e das estratégias de *coping*.

Yunes e Szymanski (2001, p. 15) esclarecem que o conceito de resiliência, criado pelo cientista inglês Thomas Young em 1807, teve sua origem na Física e na Engenharia, referindo-se “à capacidade de um material absorver energia sem sofrer deformação plástica ou permanente”.

Tavares (2001) complementa que esta definição física e mecânica da resiliência expandiu-se para outras áreas, como a Medicina, referindo-se à capacidade do indivíduo de resistir a uma enfermidade, e como a Psicologia e a Sociologia, referindo-se à capacidade de uma pessoa ou grupo resistirem a determinadas adversidades. O autor explica que esta capacidade do sujeito de se acomodar e se reequilibrar pode ser promovida pelo desenvolvimento de seu autoconceito, sua autoestima e sua espiritualidade.

Neste artigo, nos interessa a compreensão que o termo resiliência assume dentro do campo da Educação. Para isto, explicaremos como este conceito vem sendo entendido dentro da Psicologia, para, depois, analisarmos suas repercussões no âmbito educacional, centrando-se nas possíveis contribuições que a resiliência pode proporcionar ao docente durante sua ação educativa.

Segundo Yunes (2003), a Psicologia tem como foco de estudo a compreensão e o tratamento de patologias, direcionando-se, portanto, para os aspectos negativos do desenvolvimento humano. Contrário a isto, surgiu o movimento da Psicologia Positiva, que passou a centralizar suas pesquisas nas potencialidades e qualidades humanas. Desse modo, associada a uma ideia de promoção da saúde, as pesquisas dentro da Psicologia Positiva passam a ter novos enfoques, direcionadas para o entendimento das características potenciais dos sujeitos.

Seligman e Csikszentmihalyi (2000, p. 5) apontam que “o objetivo da psicologia positiva é começar a catalizar uma mudança no foco da psicologia da única preocupação com o reparo das piores coisas da vida para também construir as qualidades positivas.” Assim, visa conhecer e pesquisar os traços individuais positivos, buscando investigar as razões pelas quais vale a pena viver, enfatizando o bem-estar e a qualidade de vida.

Cabe destacar que a Psicologia Positiva não é uma ideia nova, pois sua concepção teórica remonta à Psicologia Humanista e seus principais representantes: Carl Rogers e Abraham Maslow. Isto fica evidenciado por Atkinson et al. (2002, p. 495), quando afirma que “as teorias de Rogers e Maslow concentram-se na pessoa inteira e saudável e assumem uma visão positiva e otimista da personalidade humana”.

Ademais, Snyder e Lopez (2009) ressaltam que Abraham Maslow é o responsável por ter cunhado a expressão Psicologia Positiva, quando escreveu no seu livro, “Motivation and Personality”, um capítulo denominado “Towards a Positive Psychology”. No entanto, como nesta época a Psicologia estava mais voltada para o tratamento das patologias, a abordagem defendida pelos psicólogos humanistas acabou por não predominar. Os autores nos lembram, ainda, que algumas subáreas da Psicologia não se concentraram nos aspectos negativos das pessoas, como a Psicologia do Desenvolvimento, que aborda questões relacionadas à adaptabilidade e ao funcionamento positivo dos sujeitos, voltando seus estudos para a resiliência, o *coping*, o desenvolvimento positivo nos jovens e o bem-envelhecer. Dentro desta perspectiva, a resiliência destaca-se como uma característica potencialmente saudável.

Grotberg (2003, p. 20) define resiliência como a “capacidade humana para enfrentar, sobrepor-se e ser fortalecido ou transformado por experiências de

adversidade”, e complementa que a resiliência vem sendo reconhecida como um subsídio para a promoção da saúde mental e emocional, contribuindo, portanto, para a constituição da qualidade de vida. A autora destaca, ainda, oito novos enfoques surgidos a partir do conceito de resiliência:

1. A resiliência está ligada ao desenvolvimento e crescimento humanos, incluindo diferenças etárias e de gênero.
2. Promover fatores de resiliência e ter condutas resilientes requer diferentes estratégias.
3. O nível socioeconômico e a resiliência não estão relacionados.
4. A resiliência é diferente dos fatores de risco e os fatores de proteção.
5. A resiliência pode ser medida; também é parte da saúde mental e a qualidade de vida.
6. As diferenças culturais diminuem quando os adultos são capazes de valorizar ideias novas e efetivas para o desenvolvimento humano.
7. Prevenção e promoção são alguns dos conceitos em relação com a resiliência.
8. A resiliência é um processo: existem fatores de resiliência, comportamentos resilientes e resultados resilientes (p. 19 e 20).

Infante (2003, p. 32) explica que o indivíduo resiliente é aquele que, sendo afetado pelo estresse ou pela adversidade, consegue superá-lo ou sair fortalecido, reconhecendo a resiliência como “um processo que pode ser desenvolvido e promovido”. Também distingi três componentes fundamentais que devem estar presentes na resiliência: a noção de adversidade, trauma, risco ou ameaça ao desenvolvimento humano; a adaptação positiva ou superação da adversidade; e o processo que considera a dinâmica entre mecanismos emocionais, cognitivos e socioculturais que influem sobre o desenvolvimento humano.

Luthar et al. (2000, p. 543 apud INFANTE, 2003, p. 35) acrescentam que a resiliência é entendida como “um processo dinâmico que tem como resultado a adaptação positiva em contextos de grande adversidade”.

Timm, Mosquera e Stobäus (2008) lembram que a resiliência envolve três perspectivas: uma capacidade inata do ser humano, podendo ser desenvolvida e aperfeiçoada; um saber adaptar-se às circunstâncias; ou uma capacidade de algumas pessoas que demonstram que, quando tudo parece apontar para dar errado, a pessoa se supera e vence.

Silva, Lunardi, Filho e Tavares (2005, p. 101) ressaltam que a “resiliência passa a ser um conceito muito promissor, na medida em que é concebida

como a capacidade do ser humano em construir uma trajetória de vida e de desenvolvimento positiva, apesar das condições adversas que o cercam”.

Sousa (2006, p. 41) afirma que a resiliência faz parte do desenvolvimento da pessoa ao longo da vida, já que “se fundamenta num *continuum* de ajustamentos face às dificuldades presentes no quotidiano dos sujeitos e à sua capacidade para as enfrentar, saindo cada indivíduo desse confronto em patamares de desenvolvimento superiores”.

Desse modo, entendemos que a resiliência pode ser compreendida como a capacidade de superação, de forma positiva, de situações adversas que possam se apresentar durante a vida do sujeito. Também constatamos que a resiliência vem sendo considerada como um processo singular de construção do ser humano que ocorre durante toda a vida, podendo ser estimulada pelo meio social e cultural em que o sujeito está inserido. Dentro desta perspectiva, a resiliência pode e deve ser inserida e desenvolvida no meio educacional, porém sua conceituação deve ser compreendida de forma mais ampla.

Na área da Educação, a resiliência passa a ser entendida, segundo Tavares (2001), como uma possibilidade de desenvolvimento do indivíduo, que lhe permita ser um agente no processo de transformação e otimização do seu meio. O autor ressalta que se faz necessário e urgente implementar e desenvolver, durante a formação de alunos e professores, estruturas, processos e atitudes que os auxiliem a serem mais resilientes, para que possam contribuir ativamente com a sociedade.

Castro (2001) também aponta para a urgência em adaptar os cursos de formação de professores, já que os sistemas de ensino não conseguem atender as múltiplas e variadas demandas que surgem a cada dia, derivadas da acelerada transformação da sociedade. Por isto, os cursos de formação devem preparar os professores visando desenvolver sua resiliência, para que estes possam enfrentar os imprevistos que se apresentam na sala de aula.

Neste sentido, a resiliência apresenta-se como um elemento essencial para a construção e o desenvolvimento de bem-estar pessoal e profissional do professor, já que promove sua saúde mental e emocional, melhorando sua qualidade de vida.

Sousa (2006, p. 12) comenta que a resiliência serve como estratégia perante os momentos difíceis que possam surgir durante a profissão docente, pois o ato educativo é “pontuado pelo irrepitível e imprevisível”. A autora explica que, diante de um fator de risco, que pode ser de ordem individual, interpessoal ou contextual, o sujeito irá se valer de fatores protetores para enfrentar e superar a adversidade sem perder o equilíbrio, ou seja, os fatores

protetores auxiliam o indivíduo a vivenciar uma situação de estresse de um modo mais equilibrado, reduzindo o seu impacto. Complementa que os fatores de proteção são categorizados em três grandes grupos: os atributos de personalidade do próprio sujeito, as características da família e as influências do contexto. Sendo assim, diversos contextos, como o familiar e o educativo, podem ser considerados como locais de ativação da resiliência pessoal.

Fajardo, Minayo e Moreira (2010) acreditam que a promoção da resiliência na escola favorece o estabelecimento de vínculos e comportamentos positivos e a reafirmação de valores, evitando o isolamento social e outros problemas como violência e discriminação. Mencionam cinco características da resiliência que podem ser atribuídas ao docente: comunicação; ser responsável pela própria vida; não se culpabilizar, aceitando as responsabilidades, reconhecendo os erros e superando-os; cultivar valores que permitem suportar a adversidade; e ter compaixão.

Henderson e Milstein (2005, p. 26-27 apud FAJARDO; MINAYO; MOREIRA, 2010, p. 770) salientam que a escola pode favorecer condições ambientais para promover “reações resilientes frente circunstâncias imediatas, assim como também enfoques educativos, programas de prevenção e currículos adequados para desenvolver fatores protetores individuais”. Concluem que a resiliência no ambiente escolar pode contribuir para a criação de vínculos sociais entre professores e alunos, para o fortalecimento da saúde dos professores e alunos, e para estimular a relação dialógica voltada à resolução de conflitos. Por isto, investindo na resiliência do professor a escola estará fomentando o êxito escolar e social dos alunos.

Poletti e Dobbs (2007 apud FAJARDO; MINAYO; MOREIRA, 2010) creem que conhecer o conceito de resiliência pode ser de grande utilidade não só para os professores, mas também para os psicólogos, os assistentes sociais e os profissionais das áreas da saúde, pois a partir dele é possível refletir, encontrar forças e recursos nas histórias de crianças e adolescentes, motivando seu crescimento e desenvolvimento, além de permitir aos profissionais da educação encarar de outra forma o progresso de seus alunos.

Sousa (2006) também ressalta que as pesquisas realizadas nas últimas décadas constataam que, para desenvolver a resiliência no meio educacional, as instituições escolares e os docentes devem favorecer os laços psicossociais, estabelecer limites, adaptar as atividades de acordo com o desenvolvimento psicológico dos alunos, instruir habilidades de vida, instituir altas expectativas e dedicar-se ao êxito pessoal e acadêmico.

Nesse sentido, pensamos que investir no desenvolvimento da resiliência no âmbito educacional e, mais especificamente, na docência, resultará em

consequente promoção do bem-estar pessoal e profissional do educador, melhorando sua qualidade de vida e propiciando um ambiente de ensino mais favorável à aprendizagem, qualificando, assim, sua ação pedagógica.

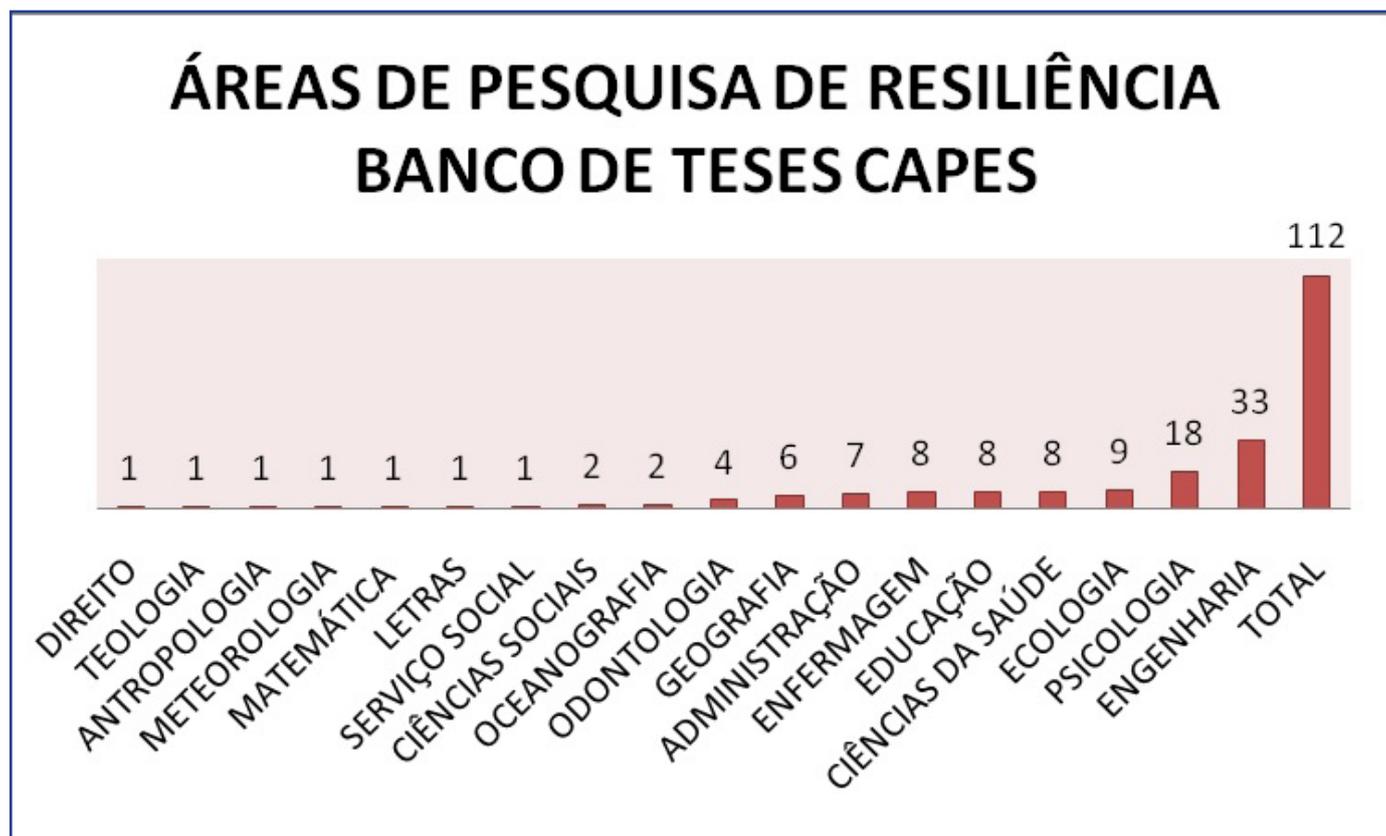
CATEGORIAS E METODOLOGIAS DOS TRABALHOS DE RESILIÊNCIA E EDUCAÇÃO

Nossa pesquisa foi realizada no Banco de Teses da CAPES e nos Grupos de Trabalho (GTs) da ANPEd, ambas no ano de 2009, visando compreender para qual sentido as pesquisas de resiliência e Educação estão sendo conduzidas. Procuramos o aprofundamento desta temática, no sentido de conhecer e direcionar o desenvolvimento da resiliência em Educação. Para tanto, optamos por realizar um estudo qualitativo, pois possibilita exercícios de imaginação e criatividade, levando os investigadores a proporem trabalhos que explorem novas visões. Conforme Minayo (2001), o estudo qualitativo trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, analisando de forma mais profunda as relações, os processos e os fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Considerando esta classificação, utilizamos para tratamento dos dados a análise de conteúdo por meio da categorização dos dados, que, segundo Bardin (2010), é o processo de classificação com critérios previamente definidos de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por um reagrupamento por afinidade e/ou semelhança.

Na CAPES, utilizando o descritor "resiliência", foram encontradas 112 publicações nas diversas áreas do conhecimento, conforme o Gráfico 1:

Gráfico 1: Áreas de pesquisa com o descritor “resiliência” no Banco de Teses da CAPES



Fonte: Os autores (2011).

Podemos observar que se destacam duas áreas em relação ao número de produções: a Engenharia, com 33 e a Psicologia, com 18. Este dado pode ser explicado pela própria origem dos estudos de resiliência, como citamos na página 2, nos quais os autores Yunes e Szymanski (2001) e Tavares (2001) nos reportam ao histórico da pesquisa em resiliência.

Segundo nossos critérios de pesquisa (resiliência, educação e docência), foram selecionados alguns trabalhos por meio da leitura de seus resumos, perfazendo seis dissertações (D) e uma tese (T). Não tivemos acesso à única tese selecionada, de Renata Schettino Canelas, *“Resiliência e promoção de saúde: contribuições da escola integrada”*, da Universidade Federal de Minas Gerais (2009), pois não foi publicada de forma *on-line* e não conseguimos encontrar o endereço eletrônico da autora, nem mesmo via currículo Lattes, para solicitar o trabalho.

Na ANPEd, utilizando o mesmo descritor “resiliência” e pesquisando nos 23 GTs, com uma média de 15 artigos publicados em cada, encontramos apenas um artigo no GT 20 – Psicologia da Educação. Após a leitura integral dos trabalhos, foi efetuado o levantamento das categorias dos tipos de trabalhos desenvolvidos acerca da resiliência, nas quais pudemos agrupar as publicações (Tabela 1), no sentido de avançar neste conhecimento, apontando pressupostos que embasem investigações futuras.

Tabela 1: Categorias dos trabalhos e metodologias mais utilizadas em resiliência e Educação

CATEGORIAS	Nº / TÍTULO DO TRABALHO / AUTOR / BANCO DE DADOS	METODOLOGIA
Resiliência, adolescência e escola	1) Escola: risco, proteção e processos de resiliência durante a adolescência. <i>Renata Maria Libório Coimbra – ANPEd</i>	Quantitativa: questionários
	2) Resiliência e sucesso escolar: um estudo de caso com afrodescendente no ensino público. <i>Jair Fortunato Borges Júnior – CAPES</i>	Qualitativa: estudo de caso com entrevista (história de vida)
	3) Concepções de adolescentes sobre a escola: do risco à proteção. <i>Luciene dos Santos Camargo – CAPES</i>	Quali-quantitativa: entrevistas semiestruturadas e questionários
	4) Vulnerabilidade e resiliência diante da violência escolar. <i>Maria Eugênia de Oliveira Mendes – CAPES</i>	Quali-quantitativa: estudo exploratório com visitas, conversas informais e questionários
	5) Protagonismo juvenil e educação da juventude no Ensino Médio brasileiro. <i>Katiuscia Aparecida Freitas Pereira – CAPES</i>	Quali-quantitativa: grupos de diálogo e questionários
Resiliência e saberes docentes	6) Saberes de professores de sucesso do Ensino Fundamental em território rural resiliente – Norte de Minas Gerais. <i>Gentil Martins Júnior – CAPES</i>	Qualitativa: estudo de caso com entrevistas
Resiliência e instituições de abrigo	7) Um estudo sobre os cuidadores das instituições de abrigo e o papel de proteção das suas interações com crianças e adolescentes institucionalizados. <i>Rosinha Mattos Marzol – CAPES</i>	Qualitativa: estudo exploratório, descritivo, com entrevistas semiestruturadas

Fonte: Os autores (2011).

Com base nas categorias levantadas, podemos perceber que a maior parte dos trabalhos enfocou a resiliência relacionado-a com a adolescência, destacando, também, a influência das instituições escolares e dos professores para a construção de pessoas resilientes. Entretanto, concluímos que as

pesquisas analisadas não estão contribuindo com os estudos da resiliência aplicada à docência, o que seria parte importante no desenvolvimento do bem-estar dos professores, já que o investimento do educador na resiliência possibilita ao mesmo superar, positivamente, as dificuldades presentes no cotidiano escolar. Além disso, pudemos identificar os principais tipos de metodologias utilizadas pelos pesquisadores. Constatamos que a maior parte dos estudiosos optou pela metodologia quali-quantitativa ou qualitativa, sendo só um trabalho produzido apenas pelo método quantitativo. Observando mais especificamente quais os instrumentos empregados nas pesquisas, verificamos a utilização de entrevistas como a principal forma de procedimento utilizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto buscou analisar os aspectos teórico-práticos da resiliência no âmbito educacional, por meio dos dados publicados em 2009 pela CAPES e pela ANPED, bem como introduzir possíveis contribuições que esta pode proporcionar ao docente durante sua ação educativa.

Fica evidente que o fenômeno do mal-estar docente se faz presente no cotidiano escolar, acarretando sintomas negativos ao professor e, conseqüentemente, ao processo de ensino e aprendizagem. Porém, pensamos que, por meio do investimento na resiliência, os educadores podem vivenciar bem-estar na profissão.

Constatamos que a resiliência vem sendo entendida como a capacidade de superação, de forma positiva, de situações adversas que possam se apresentar durante a vida do sujeito, sendo um processo singular de construção que ocorre ao longo da vida, podendo ser estimulada pelos diversos contextos em que o sujeito está inserido.

Acreditamos que o estado funcional dos docentes pode influenciar positiva ou negativamente nas aulas, podendo qualificar ou desqualificar a aprendizagem dos educandos. Portanto, cremos que o sucesso dos alunos está diretamente ligado ao bem-estar destes profissionais. Nesta perspectiva, Jesus (2002) aponta que os cursos de licenciatura estão distanciados da realidade plural da sala de aula e que, por isto, a formação deve ter uma orientação preventiva, constituindo um instrumento de aquisição de competências profissionais relevantes para aumentar a autoconfiança e a probabilidade de sucesso dos docentes no enfrentamento das situações profissionais problemáticas.

Para além desta abordagem, acreditamos que o próprio educador deve investir na autoformação, valendo-se de elementos da Psicologia Positiva, bem

como desenvolvendo e promovendo o incremento de resiliência, buscando, assim, o cuidado de si para conseguir maior bem-estar pessoal e profissional.

No que se refere às pesquisas analisadas sobre resiliência, na área da Educação, verificamos que estas ainda não estão direcionadas totalmente para o enfoque docente, necessitando haver este ajuste para que o educador possa compreender melhor esta temática. Por ser entendido como uma forma de promover o bem-estar dos professores, o tema é de fundamental importância, devendo ser aprofundado, para que se construam estratégias educativas que visem melhorar a ação pedagógica e a saúde docente.

Concluimos que a resiliência se faz necessária no meio educacional, sendo um elemento essencial para a construção e o desenvolvimento de bem-estar pessoal e profissional do professor, pois favorece a promoção da sua saúde mental e emocional, otimizando sua qualidade de vida e contribuindo para propiciar um ambiente de ensino favorável à aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ATKINSON, R. L. et al. **Introdução à Psicologia de Hilgard**. 13. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BORGES, J. F. Jr. **Resiliência e sucesso escolar**: um estudo de caso com afrodescendente no ensino público. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2009. Disponível em: <http://mestrado.mouralacerda.edu.br/arquivos/dissertacoes/dissertacao_76.pdf>. Acesso em: 02 maio 2011.

CAMARGO, L. S. **Concepções de adolescentes sobre a escola**: do risco à proteção. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp097127.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2011.

CASTRO, M. A. C. D. Revelando o sentido e o significado da resiliência na preparação de professores para atuar e conviver num mundo em transformação. In: TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

COIMBRA, R. M. L. Escola: risco, proteção e processos de resiliência durante a adolescência. In: 32ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 2009, Caxambu. **Anais...** Caxambu, ANPEd, 2009. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT20-5283--Int.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2011.

ESTEVE, J. M. **El malestar docente**. 3. ed. Barcelona: Paidós, 1994.

FAJARDO, I. N; MINAYO, M. C. S; MOREIRA, C. O. F. Educação escolar e resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos. **Ensaio: Avaliação e**

Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 18, n. 69, p. 761-774, out./dez. 2010.

GROTBERG, E. H. Nuevas tendencias en resiliencia. In: MELILLO, A; OJEDA, E. N. S. (Comp.). **Resiliencia: descubriendo las propias fortalezas**. Buenos Aires: Paidós, 2003.

INFANTE, F. La resiliencia como proceso: una revisión de la literatura reciente. In: MELILLO, A; OJEDA, E. N. S. (Comp.). **Resiliencia: descubriendo las propias fortalezas**. Buenos Aires: Paidós, 2003.

JESUS, Saul N. de. **A motivação para a profissão docente: contributo para a clarificação de situações de mal-estar docente e para a fundamentação de estratégias de formação de professores**. Aveiro: Estante, 1996.

_____. **Bem-estar dos professores: estratégias para realização e desenvolvimento profissional**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1998.

_____. Prevenção do mal-estar docente através da formação de professores. **Educação**, Porto Alegre, ano XXV, n. 48, p. 25-43, out. 2002.

_____. **Psicologia da Educação**. Coimbra: Quarteto, 2004.

_____. **Professor sem stress: realização profissional e bem-estar docente**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MARCHESI, A. **O bem-estar dos professores**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MARTINS, G. Jr. **Saberes de professores de sucesso do ensino fundamental em território rural resiliente – Norte de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/FAEC-83VQG3/1/disserta__o_gentil.pdf>. Acesso em: 02 maio 2011.

MARZOL, R. M. **Um estudo sobre os cuidadores das instituições de abrigo e o papel de proteção das suas interações com crianças e adolescentes institucionalizados**. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2009. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp124425.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2011.

MENDES, M. E. O. **Vulnerabilidade e resiliência diante da violência escolar**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp115382.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2011.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

PEREIRA, K. A. F. **Protagonismo juvenil e educação da juventude no ensino médio brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp105705.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2011.

SELIGMAN, M.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive Psychology. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 5-14, jan. 2000.

SILVA, M. R. S; LUNARDI, V. L; FILHO, W. D. L; TAVARES, K. O. Resiliência e promoção da saúde. **Texto e Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 14, n. especial, p. 95-102, 2005.

SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. **Psicologia Positiva**: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SOUSA, C. **Educação para a resiliência**. Tavira: Município de Tavira, 2006.

TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

TIMM, E. Z; MOSQUERA, J. J. M; STOBÄUS, C. D. Resiliência: necessidade e possibilidade de problematização em contextos de docência. **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n.1, p. 39-45, jan./abr. 2008.

YUNES, M. A. M; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. especial, p. 75-84, 2003.

Artigo recebido em 31/07/2013

Aprovado em 17/12/2013